



NOTA HERÁLDICA SOBRE A PÁGINA DE ROSTO DOS COMMENTARIOS DE AFONSO DALBOQUERQUE

POR DR. FRANCISCO DE SIMAS ALVES DE AZEVEDO (*)

Da melhor vontade aceitei o convite que tão honrosa e amavelmente me foi dirigido pelo bom amigo, eminente confrade e Mestre, D. Faustino Menéndez-Pidal de Navascués, o qual, por acertadíssima escolha sucedeu ao inesquecível D. Vicente de Cadenas na direcção da prestigiada revista *Hidalguia*.

Convite para colaborar na dita revista, vindo, aliás na sequência dos que de D. Vicente de Cadenas recebi, os quais, muito honrado, sempre aceitei desde o já afastado ano de 1956.

Escolhi tema de Heráldica de uma notável família portuguesa, que tomou o seu nome dum castelo, em Espanha (1).

Proponho-me anotar o brasão de armas que ostentam as páginas de rosto de pelo menos três edições da obra dedicada ao mais notável portador português do apelido Albuquerque.

Refiro-me aos *Commentarios de Afonso Dalboquerque* de autoria do filho e homónimo do célebre governador da Índia,

(*) Da Academia Portuguesa de História da Academia Internacional de Heráldica.

(1) De cujos senhores descendia.



FRANCISCO DE SIMAS ALVES DE AZEVEDO

publicados em 1557, dos quais o seu autor fez segunda edição em 1576. Tenho conhecimento de uma edição de 1774 com igual brasão de armas, na página de rosto.

O brasão é uma modalidade do chamado pelos heraldistas «Albuquerque-moderno», armas que julgo poder garantir-se terem sido usadas pelo grande Afonso de Albuquerque (2) e por seu filho (3).

Antes de prosseguir, na análise heráldica, devo assinalar facto, creio significativo de mentalidade renascentista (4).

O brasão de armas em comentário é o do biógrafo e do biografado, não o de mecenas, a quem assim se agradecesse ter custeado a obra.

(2) Os três retratos brasonados dele cujas reproduções tenho presentes —e penso serem os mais antigos— ostentam, todos, o «Albuquerque-moderno», esquartelado de Portugal e de 5 flores-de-lis.

Advirta-se que no de maior confiança, por ser seu autor um contemporâneo, e até colaborador, do governador, Gaspar Correia, que incluiu o desenho nas suas *Lendas da Índia*, as armas de Portugal tem, na bordadura, 7 castelos, o que leva a pensar ter sido desenhado já no fim da vida do autor, em fins do reinado de D. João III ou até já no de D. Sebastião.

No que figura no códice designado por *Livro de Lisuarte de Abreu* (na biblioteca Pierpont Morgan de Nova Iorque) da 2.^a metade do século XVI, os quartéis estão

trocados, as cores das flores-de-lis e seu campo muito duvidosas; há 8 castelos na bordadura.

No que fez parte da galeria dos Vice-reis, em Goa, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga, meritoriamente reproduzido pelo Ex.^{mo} Senhor Dr. Francisco Xavier Valeriano de Sá no seu valioso livro *Vice Reis e Governadores da Índia Portuguesa*, Lisboa 1999, retrato muitas vezes restaurado ao que parece (A), não existe bordadura de castelos. (Lembro que a iniciativa da criação de tal galeria pertence ao Vice-rei D. João de Castro, trinta anos posterior a Albuquerque, e que para tal contou com a colaboração histórica e artística de ... Gaspar Correia).

(3) Pelo menos terá de se citar estarem as mesmas armas, em igual modalidade no painel de azulejos, no pavilhão central do lago, na quinta depois chamada de Bacalhoa; quinta comprada em 1528 pelo filho de Afonso de Albuquerque que lhe deu características monumentais e artísticas notáveis, terminando as obras em 1554.

(4) Sabe-se muito bem que Afonso de Albuquerque filho foi um dos introdutores em Portugal de gostos renascentistas na arquitectura e na decoração, casa dos Bicos, em Lisboa, e Quinta da Bacalhoa, em Azeitão, dois excelentes exemplos.



O filho do conquistador de Goa não necessitava de tal. Era o seu próprio mecenas, muito rico —é sabido (5)— feito grande por ElRei, como seu pai pedira a D. Manuel I, em carta escrita pouco antes de falecer, suplica a que o Venturoso dera despacho favorável.

Nas três páginas de rosto as armas aparecem em idêntico escudo (de tipo português ou espanhol), esquartelado: 1.º e 4.º as armas reais de Portugal, na modalidade posterior a D. João II e com 8 castelos na bordadura, 2.º e 3.º, 5 flores-de-lis.

O escudo nos três desenhos, é representado como estando suspenso numa fita, a qual forma um laço encimando-o (arranjo talvez inspirado em iluminuras do *Livro do Armeiro-mor*), distribuindo-se, simetricamente, aos lados.

Os dois desenhos se são heraldicamente iguais, artisticamente o de 1557 é melhor, tal como é toda a página, com esplêndido enquadramento arquitectónico classicista, o qual contem o quadrado que inclui o escudo, o de 1576 apenas com o referido quadrado, o de 1774 nem isso.

Reparou certamente o Leitor que não indiquei, acima, os esmaltes e metais dos 2.º e 3.º quartéis.

A fonte heráldica em estudo não os indica; na época não se inventara, ainda, o sistema dos tracejados usadíssimo na arte heráldica nestes 3 últimos séculos.

Mas não é a única razão da minha hesitação. Se os grandes armoriais portugueses contemporâneos dos Afonsos de Albuquerque (pai e filho) (6) legendam de «Albuquerque» armas que mostram em campo vermelho, 5 flores-de-lis de ouro —o— também é verdade que descendentes da família portuguesa desse apelido, já no século xv, faziam representar o referido campo a azul, tentativa de criar um argumento para se apresentarem como descendentes da casa real de França (7).

(5) Braamcamp Freire: *Brasões da Sala de Sintra*, vol. II, pá g. 183-219, Coimbra, 1927.

(6) *Livro do Armeiro-mor e Livro chamado da Torre do Tombo*.

(7) O rei de França usará, como bem sabido, de azul, semeado de flores de ouro, até fins do século xiv, reduzindo, então, as flores-de-lis a três.



FRANCISCO DE SIMAS ALVES DE AZEVEDO

E um dos que assim procedem é Afonso de Albuquerque filho! (8)

O brasão de armas na página de rosto dos *Commentários* corresponde a um estádio quasi final de longa e curiosa evolução, em boa parte estudada pelo eminente heraldista e saudoso amigo Dr. Carlos da Silva Lopes (9).

Lembre-se que sendo conhecidas fontes das mesmas armas, escalonadas no tempo e apresentando conteúdo diferente, pode-se tentar reconstituir a evolução do dito brasão. Evolução determinada por motivos de carácter ideológico, socioeconómico, cultural ou até de imitação, e que se poderá chamar de dinamismo heráldico.

Terá de se começar, no caso em estudo, pelas armas adoptadas por Afonso Sanches (n.c.1289 f.c. 1329), filho bastardo predilecto de ElRei D. Dinis: de prata, cruz de vermelho carregada de castelos de ouro, acompanhada de 20 escudetes de azul semeados de besantes de prata, cinco em cada cantão, postos em cruz, os laterais apontados ao centro (10).

Também descendentes dos Abuquerques farão tal redução, como lembrarei.

Nos descendentes de D.^a Maria Afonso de Albuquerque —adiante mencionada— e de seu marido D. Gonçalo Teles de Meneses (irmão de Leonor Teles), inicia-se, presumivelmente no século XVI, estando plenamente em uso no século XVII.

Curioso o caso dum desses descendentes, já oitocentista, o último marquês de Marialva, que esquartelava de Portugal e França (exactamente como os respectivos soberanos usavam) sobrepondo-lhe Meneses e ... foi embaixador de D. João VI junto de Luís XVIII! Há obra editada em França, a ele dedicada, ostentando as ditas orgulhosas armas.

(8) Veja-se o painel de azulejos citado na nota 3, no qual, segundo estampa do *Palácio e Quinta da Bacalhoa —Azeitão— Início da Renascença-Portugal*. (Album) por Joaquim Rasteiro, 1898, pág. 34, os 2º e 3º quartéis mostram 5 flores-de-lis amarelas em fundo azul claro.

E leia-se a afirmação nos *Commentarios*, transcrita e criticada acremente por Braamcamp Freire na pág. 186 do vol. II, de *Brasões da Sala de Sintra*.

(9) Ver *Duas peças provenientes do Convento de Santa Clara de Vila do Conde*, separata da revista MUSEU, 1960.

(10) Assim se vê no seu selo e no de sua mulher (*História Genealógica da Casa Real*, vol. 4.º), na pedra de armas do castelo de Albuquerque (fotografia da pág. 27 de *Mouzinho de Albuquerque*, vol. II por Fernando de Castro Pereira Mouzinho de Albuquerque e Cunha, Cascais 1979) e, pelo menos,



Afonso Sanches diferenciou as armas reais pela repetição da sua parte fundamental e diferente arrumação da parte secundária (11). Na geração anterior, irmãos bastardos de seu pai tinham suprimido a bordadura castelada, o irmão legítimo esquartelara Portugal e Castela.

Afonso Sanches casou com D. Teresa Martins (de Meneses) a qual, por herança paterna, viria a ser 4.^a senhora de Albuquerque, no reino de Castela-Leão; por cabeça da mulher o filho de D. Dinis teve o dito senhorio (12).

D. Teresa Martins ostentava, no seu selo (13) o escudo de armas do marido, rodeado de 3 leões (pela ascendência materna) e 3 flores-de-lis (pela ascendência paterna); era filha de D. João Afonso de Meneses, rico-homem castelhano estabelecido em Portugal, 3.^o senhor de Albuquerque, e de D. Teresa Sanches, filha bastarda de D. Sancho IV, rei de Castela-Leão.

Este D. João Afonso (falecido a 1304), senhor de Soverosa em Portugal e 1.^o Conde de Barcelos, usou, no seu selo, as armas primitivas dos antiquíssimos Meneses, escudo liso com um carbunculo, rodeado de 5 flores-de-lis (14); no seu túmulo, porém, apenas se lavrou um escudo com 5 flores-de-lis, em belíssima estilização, da melhor arte heráldica portuguesa (15) são as armas que, com as cores acima indicadas se designarão, entre nós, por «Albuquerque-antigo», como já dito.

em duas iluminuras do *Códice da Coroação*, precioso manuscrito castelhano do primeiro terço do século XIV.

Estas são as fontes contemporâneas que me ocorrem; posteriores há várias.

(11) Outro filho bastardo de D. Dinis, Fernão Sanches, usou um esquartelado em aspa, 5 escudetes besantados postos em cruz, os laterais deitados, em cada quartel.

(12) Ver nota 5.

(13) Ver nota 10.

(14) Francisco de Simas Alves de Azevedo: *Esboço dum corpus sigilográfico-heráldico* em «Armas e Troféus» desde 1963 a 1965, inclusive. Tentando o autor, muitos anos depois, rever o dito selo, tal não foi possível. O selo encontrava-se gasto sendo, porém, possível a sua interpretação.

(15) Artur Vaz-Osório da Nobrega: *Pedras de armas e brasões tumulares do Concelho de Felgueiras*, Felgueiras 1997, pág. 193-196 e respectiva fotografia.



FRANCISCO DE SIMAS ALVES DE AZEVEDO

Designação esta justificada pelo conhecimento de ter sido tal heráldica usada por um senhor de Albuquerque anterior aos de varonia régia portuguesa.

As 5 flores-de-lis figuram no túmulo, quinhentista, de D. Teresa Martins existente na capela da Conceição do mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, construída por iniciativa da abadesa D. Isabel de Castro para capela de sepultura dos fundadores —em 1318— daquela casa religiosa, Afonso Sanches e sua mulher (16); também as podemos ver em pedra de armas quatrocentista ou quinhentista no castelo de Albuquerque (17).

Segundo as conclusões de D. Faustino Menéndez-Pidal de Navascués (18) as flores-de-lis são dos Soverosas, de que D. João Afonso de Meneses descendia por sua mãe, D. Teresa Martins de Soverosa; os bens de cuja linhagem foram as suas primeiras posses em Portugal.

O antepassado comum de todos aqueles em que D. Faustino verificou o uso das flores-de-lis é Gil Vasques de Soverosa, contemporâneo de D. Sancho I; a ele remontará provavelmente, o «de vermelho, 5 flores-de-lis de ouro».

O abandono das armas da varonia do sogro de Afonso Sanches, Meneses, e a valorização das de Soverosa só poderá explicar-se por motivos de carácter socio-económico, de vinculação a Portugal, de integração na sua estrutura social, do dito D. João Afonso de Meneses, senhor de Soverosa, senhor de Albuquerque, conde de Barcelos.

A combinação das armas de Afonso Sanches e de D. Teresa Martins pode ver-se em pormenor decorativo da parte que julgo primitiva do mosteiro de Santa Clara: a cruz do filho de D. Dinis fica cantonada no 1.º e 4.º, dos 5 escudetes besantados, em cruz, no 2.º e 3.º, de 5 flores-de-lis. Também na capela da Conceição do mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, nos

(16) Por exemplo: *Villa do Conde*, Porto 1928, por Monsenhor J. Augusto Ferreira, pág. 4.

(17) Ver a obra citada na nota 11, na pág. 85 a respectiva fotografia.

(18) Ver os seus artigos na revista «Armas e Trofeus», em Abril-Junho de 1963 e Janeiro-Março de 1966, *Un bordado heráldico lionés: el carbunculo en los escudos medievales e El sello de Doña Constança Gil*.



pequenos túmulos de filhos —falecidos jovens— dos 4^{os} senhores de Albuquerque se reproduzem estas armas (19).

A cruz castelada cedo desaparecerá no selo de D. João Afonso de Albuquerque (n.c. 1307 f.c. 1354), 5.º senhor de Albuquerque, filho herdeiro dos 4os senhores, substituíram-na os traços dum esquartelado (20), modo de associação de armas em divulgação desde que D. Fernando III de Castela-Leão, cerca de um século antes, o adoptara.

Extinta a descendência legítima deste D. João Afonso, e recaiando na coroa de Castela-Leão o senhorio de Albuquerque, continuam-se o nome e as armas com os irmãos D. Fernando Afonso de Albuquerque (f.c. 1387) mestre da Ordem de Santiago, categorizado partidário do Mestre de Avis (apesar de irmão de duas cunhadas de Leonor Teles), seu embaixador a Inglaterra (21), e D. Maria Afonso de Albuquerque, filhos bastardos do 5.º senhor de Albuquerque. Vários senhores e senhoras descendentes destes se apelidaram de Albuquerque e muitos usarão as armas de escudetes de Portugal e de flores-de-lis, plenas ou combinadas com outras.

Verifica-se um fenómeno que se nota noutras descendências bastardas da casa real —fenómeno de conteúdo ideológico, de aproximação à coroa— que é a actualização das armas em relação ao que os reis vão adoptando. No princípio do século XVI os Albuquerque já usam as quinas laterais como D. João II determinou.

Simultaneamente vão desaparecendo as diferenças heráldicas de bastardia, ou sendo actualizadas em relação a novos costumes, posteriormente introduzidas em Portugal.

Os escudetes besantados de D. Dinis serão substituídos por quinas, mudança consumada no século XV (22). Surge a bor-

(19) Ver a obra citada na nota 16, pág. 6.

(20) Ver nota 18.

(21) Ver nota 5.

(22) Assim se vê nos túmulos de D. Fernando de Meneses, neto de D. Maria Afonso de Albuquerque, já citada, também em Santa Clara de Vila do Conde, e no de João de Albuquerque, primo direito da avó do governador da Índia, no museu de Aveiro.



FRANCISCO DE SIMAS ALVES DE AZEVEDO

dadura de castelos, em número variável, depois, já no século XVI, em número de sete (23).

Naturalmente causando reparos o uso das armas reais, sem diferença —o que a legislação manuelina proíbe— aparece o filete negro, em banda ou barra, inspirado no que se adoptará para o senhor D. Jorge, bastardo de D. João II, dois séculos posterior ao bastardo de D. Dinis, modalidade já registada, em armoriais seiscentistas e na sala dos brasões do paço de Sintra; nesta última o que podemos ver hoje —resultado provável de inábil restauro da pintura— é uma forma híbrida, em que não figuram os castelos mas sim o filete negro, em banda, havendo assim duplicação da diferença (24).

Os monumentos heráldicos dos Afonsos de Albuquerque que conheço (25) são anteriores a esta fase das armas dos Albuquerque que julgo ser a última em data.

Antes de terminar julgo terá cabimento recordar ao Leitor, menos dado a genealogias, a ligação do último Albuquerque de varonia régia portuguesa, D. Fernando Afonso de Albuquerque, com o seu descendente e quasi homónimo o fundador do império português do Oriente (26).

(23) Ver, por exemplo, a fonte apontada na nota 2, em primeiro lugar.

(24) Tenho presente o desenho publicado no vol. II de *Brasões de Sala de Sintra*, Coimbra 1927, pág. 184; cotejando-o com fotografia do tecto da sala verifiquei a fidelidade do trabalho da senhora D. Maria Antónia de Sousa Botelho, depois viscondessa de Pindela, uma das «delicadas colaboradoras» de Braamcamp Freire.

(25) Já citados. Aproveito a oportunidade para referir um belo monumento heráldico, atribuído pelo meu Ex.^{mo} Amigo senhor Nuno de Castro, no seu valioso livro *A Porcelana Chinesa e os Brasões do Império*, Porto 1987, pág. 23, a um neto de primo direito de Afonso de Albuquerque, o qual, como ele, governou a Índia (com o título de vice-rei) e capitaneou cidades conquistadas pelo parente (Ormuz e Malaca), Matias de Albuquerque, falecido em 1609.

É um prato Ming (Wanli) branco com um grande escudo de Albuquerque-moderno (oito castelos na bordadura), com elmo, correias e paquife (sem timbre), tudo a azul.

É atribuída a c. 1585, apenas nove anos posterior ao rosto da 2.^a edição dos *Commentarios*, heraldicamente igual.

(26) Ver nota 5.



D. Fernando Afonso quando esteve em Inglaterra «por lá se apaixonou por uma Laura»

(Braamcamp Freire *dixit*) e dela teve duas filhas.

Uma, Da Teresa de Albuquerque, casou com Vasco Martins da Cunha. Filha destes, levando o apelido materno —uso frequente na nobreza portuguesa em senhoras não herdeiras, até ao século XVIII inclusive— foi D.^a Isabel de Albuquerque. Esta casou com Gonçalo Vasques de Melo de quem teve D.^a Leonor de Albuquerque assim apelidada pelo mesmo motivo.

(Tanto Vasco Martins da Cunha como Gonçalo Vasques de Melo eram de muito antiga nobreza.)

Com Da Leonor se passou tristíssimo episódio revelador das normas de Moral e dos imperativos do Direito, de então. Suspeita de adultério, seu marido João Gonçalves de Gomide, de conhecida família da nobreza de toga, assassina-a; mas verificada a inocência de Da Leonor é João Gonçalves condenado à morte por decapitação e executado.

Os filhos adoptam, todos, o apelido materno; um deles, Gonçalo, põe ao filho segundo nome lembrando a época e a grandeza dos senhores de Albuquerque: Afonso.

Será o conquistador de Goa.

Será o herói e o estadista cujos «trabalhos», como diz seu filho, foram por este evocados, em obra de que a página de rosto é o objecto desta nota heráldica aqui terminada.

(A) É a conclusão a que chegou meu Pai, o escritor Alves de Azevedo, no seu estudo *Retratos dos vice-reis e governadores da Índia*, separata do «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa», Janeiro-Março 1954.

Aditamento

Às fontes, mencionadas, das armas de Afonso Sanches, haverá que acrescentar a seguinte, muito valiosa.

É uma cruz de prata dourada, cristal de rocha e pergaminho pintado, trabalho português do século XIV, com as referidas armas gravadas, proveniente do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde e hoje patente no Museu Nacional de Arte Antiga.



HIDALGOS DE ESPAÑA

**EMPADRONAMIENTO
GENERAL**

TOMO III
(EXPEDIENTES 4.004 AL 5.927)

M A D R I D
2008